

Bloco de Notas

Bloco de Notas

Memórias com russos

Kosovo - guerras à americana?

O islamismo fracassou?

Memórias com russos

O site da salon.com oferece uma entrevista com Strobe Talbott a propósito do lançamento do seu livro "The Russia Hand: A Memoir of Presidential Diplomacy", no qual o antigo vice-secretário de Estado de Bill Clinton conta a sua versão da história da aproximação entre os Estados Unidos e a Rússia. Numa altura em que George W. Bush e Vladimir Putin parecem ter estabelecido uma excelente relação pessoal, Talbott vem dizer que o trabalho que permitiu isso começou muito antes e foi muito importante nos anos Clinton. Recordando o clima gelado de um encontro entre Clinton e Putin, em Junho de 2000, Talbott escreve: "O jogo de Putin não era mistério nenhum. Estava à espera que o sucessor de Clinton fosse eleito, daí a cinco meses, para decidir como iria lidar com os EUA e todo o seu poder, as suas exigências e as suas críticas".

Apesar do seu cepticismo inicial, o antigo vice-secretário de Estado pensa hoje que Putin "revelou-se muito melhor do que muitos de nós esperávamos", embora ache que ele é "pro-ocidental na retórica mas não nos instintos". Muito mais calorosa, claro, era a relação com Boris Ieltsin. Por vezes até calorosa demais: Talbott conta, por exemplo, como foi preciso aprender a lidar com o alcoolismo do antigo Presidente russo. "Quando o fui buscar ao avião em Setembro de 1994, ele mal conseguia sair. Essa foi a noite em que andava a passear-se de roupa interior e a gritar por pizza. Era um grande problema e fizemos o nosso melhor para não criar mais embaraços públicos". Complicados eram também os telefonemas para Moscovo, já que havia uma diferença de nove horas e Clinton gosta de se levantar tarde. Quando finalmente conseguia telefonar, do outro lado Ieltsin já tinha tido muitas horas para beber.

O islamismo fracassou?

Para Gilles Kepel, o especialista francês em Islão político e autor de "Jihad: The Trail of Political Islam" (agora reeditado numa edição revista pós-11 de Setembro), os atentados

contra Nova Iorque e Washington não são um sinal de força e ameaça crescente do islamismo radical, mas sim um símbolo do seu "isolamento, fragmentação e declínio". Uma crítica publicada na "Economist" explica que Kepel, que editou a primeira edição deste livro há dois anos, mantém a tese que sempre defendeu, a da queda do Islão político devido ao fim da aliança, que existia no início do fenómeno nos anos 70, entre os pequenos empresários religiosos e frustrados da classe média, a juventude urbana desencantada e os intelectuais islamistas - uma aliança particularmente visível na Revolução Islâmica no Irão.

Nos países em que o movimento se tornou mais violento, como o Egipto ou a Argélia, a classe média assustou-se com a fúria dos dois outros grupos e afastou-se, condenando o islamismo à queda. O livro deixa algumas dúvidas ao autor da crítica na "Economist": "Não estará Kepel a minimizar a ameaça? Será que a violência não é em si própria mobilizadora?". Mas, responde logo em seguida, que "na realidade, ele não está a dizer que o perigo passou mas apenas que, em termos políticos, o auge do islamismo radical pertence já ao passado. (Kepel) pensa que haverá ainda mais terror em nome do Islão".

Guerras à americana

Saíram recentemente três livros sobre a guerra no Kosovo que ajudam a compreender a influência deste conflito na forma de lutar dos EUA, escreve Stephen Biddle na "Foreign Affairs". Trata-se de "War over Kosovo" de Andrew J. Bacevich e Eliot A. Cohen; "NATO's Air War for Kosovo" de Benjamin S. Lambeth; e "Why Milosevic Decided to Settle When He Did" de Stephen T. Hosmer. Terá realmente este conflito ajudado a cristalizar uma nova "forma de guerra americana"? A América é um país que "gosta de ter causas nobres, objectivos claros, inimigos maus e compromissos curtos". A resposta da Administração Clinton a estas preocupações foi, segundo Cohen e Bacevich, "manter a intervenção barata" de forma a não perturbar demasiado a sua opinião pública. Mas o modelo levanta dúvidas aos vários autores. Será, por exemplo, que funciona contra inimigos "tribais ou subnacionais", que têm poucas infraestruturas para atacar? Estes inimigos têm que ser suficientemente modernos para serem realmente vulneráveis. Outra questão que é levantada é a da legitimidade de ataques que tentam evitar vítimas civis, mas que visam deliberadamente as instalações eléctricas de uma cidade, a rede de transportes, impedem as pessoas de trabalhar, etc.

Os autores, sobretudo Hosmer, analisam também as razões do sucesso da estratégia no Kosovo, o que é que levou Slobodan Milosevic a ceder, o papel da Rússia, as percepções, em alguns casos erradas, que os sérvios tiveram do desenrolar do conflito e de até onde a NATO estava disposta a ir. No entanto, sublinha Biddle, o modelo do Kosovo revelou algumas limitações e, na sua opinião, é pouco provável que em futuros conflitos os EUA mostrem tanta deferência para com os seus aliados como neste. O Afeganistão já trouxe algumas alterações: apesar de ambos terem começado com impressionantes campanhas aéreas, os americanos parecem agora dispostos a enviar tropas (embora em números mínimos) para o terreno e a aceitarem a eventualidade de sofrerem algumas baixas.